

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST
LICENCIATURA EM LETRAS

RODRIGO DE SOUSA BARÃO

POLISSÍLABO SOBRE ANJOS:
UMA LEITURA DA POESIA DE FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

TEFÉ- AM
2023

RODRIGO DE SOUSA BARÃO

POLISSÍLABO SOBRE ANJOS:
UMA LEITURA DA POESIA DE FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), para obtenção do grau em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Professor Me. Kenedi Santos Azevedo.

TEFÉ- AM
2023

**POLISSÍLABO SOBRE ANJOS:
UMA LEITURA DA POESIA DE FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO**

Rodrigo de Sousa Barão¹
Kenedi Santos Azevedo²

RESUMO:

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar que a presença da imagem do anjo no livro *Polissílabo sobre anjo*, da poeta portuguesa Fiama Hasse Pais Brandão, é uma constante, principalmente quando entendido como mensageiro, ser divino e incorpóreo. Para isso, utilizou-se método bibliográfico pelo qual são acionados pesquisadores, filósofos e ensaístas que tratam dessa temática, dentre os quais se pode destacar: *Sobre Anjos* (2006), em que a abordagem São Tomás de Aquino procura demonstrar que essas criaturas podem “ser matéria, que é potência pura” (p. 36); *Portugal Maio de Poesia 61* (1981), que traz uma análise dos poemas desse grupo realizada por Jorge Fernandes da Silveira; além dos dicionários de Símbolos e de Filosofia, respectivamente.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem; Anjo; Fiama Hasse Pais Brandão; Poesia 61.

ABSTRACT:

The present work aims to show that the presence of the image of the angel in the book *Polissílabo sobre anjo*, by the Portuguese poet Fiama Hasse Pais Brandão, is a constant, especially when understood as a messenger, a divine and incorporeal being. For this, a bibliographic method was used by which researchers, philosophers and essayists who deal with this theme are activated, among which the following can be highlighted: *Sobre Anjos* (2006), in whose approach São Tomás de Aquino seeks to demonstrate that these creatures can “be matter, which is pure power” (p. 36); *Portugal Maio de Poesia 61* (1981), which presents an analysis of the poems of this group by Jorge Fernandes da Silveira; in addition to the Symbols and Philosophy dictionaries, respectively.

KEYWORDS: Image; Angel; Fiama Hasse Pais Brandão; Poetry 61.

1 INTRODUÇÃO

Fiama Hasse Pais Brandão foi uma escritora conhecida por sua contribuição à cultura portuguesa. Nasceu em Lisboa em 1938 e faleceu em 2007, deixou um legado significativo no panorama literário português contemporâneo. Fiama foi uma figura importante do movimento *Poesia 61*, que buscava renovar a poesia portuguesa, rompendo com as formas tradicionais e explorando novas abordagens estéticas.

¹ Graduando do curso de Letras - Língua Portuguesa do Centro de Estudo Superiores de Tefé (UEA).

² Professor do Curso de Letras do Centro de Estudo Superiores de Tefé (UEA). Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas: Literatura Portuguesa da UFRJ.

A obra de Brandão é marcada por uma linguagem poética rica e precisa, em que a reflexão filosófica e a profundidade emocional se entrelaçam. A sua escrita é reconhecida por sua originalidade e pela maneira como transcendem fronteiras literárias estabelecidas. Sua abordagem poética revela uma busca constante pela compreensão e pela expressão da essência da vida. Ao longo de sua carreira explorou uma variedade de temas, desde a natureza e o amor até questões existenciais.

Nesse contexto, os poemas presentes no livro *Polissílabo sobre anjos*, de 1978-1980 – publicado na antologia *Âmago* –, traz uma seleção de temas que abordam a imagem dos anjos, explorando suas diversas facetas e simbolismos. Além disso, os poemas levantam reflexões acerca da humanidade, enquanto parte do mundo, demonstrando aspectos que se entrelaçam na poesia. Essas assertivas levantam o seguinte **problema**: como a imagem do anjo é mostrada, por meio da linguagem poética, nos textos de Fiamma Hasse Pais Brandão?

Partindo dessa questão, desenvolveu-se as seguintes **hipóteses**: a) os anjos na literatura são frequentemente retratados como mensageiros divinos, servindo como intermediários entre o céu e a terra; b) na poesia, os anjos são frequentemente utilizados como símbolos de pureza, beleza e sabedoria; c) nos poemas de Fiamma Hasse Pais Brandão, os anjos podem representar um elemento de ruptura com a realidade cotidiana, conduzindo a uma nova dimensão poética e espiritual.

O objetivo desta pesquisa é verificar de que forma a imagem dos seres angelicais proporcionam reflexão nos poemas do livro *Polissílabos sobre anjos* através do discurso poético de Fiamma Hasse Pais Brandão.

O interesse em estudar a obra de Fiamma Hasse Pais Brandão, deu-se a partir da curiosidade em descobrir mais sobre a literatura portuguesa contemporânea. E partindo deste pressuposto, o tema escolhido surgiu através de leituras feitas do livro *Polissílabo sobre anjos* da antologia *Âmago*, que permitiram também uma contextualização da obra dentro do cenário literário e cultural da época da escritora, podendo com isso, traçar conexões com outros poetas que a antecederam.

Este trabalho foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica e que seguiu uma perspectiva de análise qualitativa. No primeiro momento, conduziu-se uma busca por estudiosos que discutem sobre teologia, filosofia com o intuito de comparar as compreensões desse ser angelical, assim como outros elementos que estão presentes na obra da autora. No segundo momento, são destacado estudos sobre a escritora, para que seja feito uma breve análise. E no final, foram analisados os poemas “Anjo

enlouquecido pelo tempo”, “O anjo marinho” “Anjo de Papel ou de Água” e “Anjo de olhar fixo”, a fim de compreender de que forma o divino e o humano são construídos e como essas imagens angelicais proporcionam reflexões perante a vida na terra.

2 O ANJO COMO TEMA

A presença dos anjos na filosofia, na poesia e na literatura, nos leva a tempos antigos, influenciando diferentes correntes de pensamento ao longo da história. Esses seres angelicais ocupam um lugar no imaginário humano, despertando questões sobre a natureza da existência, da alma e da relação entre o divino e o humano. Filósofos como Platão, Aristóteles, Agostinho de Hipona e Santo Tomás de Aquino, exploraram os anjos como intermediários entre o céu e a terra, analisando suas características, funções e hierarquia.

Santo Tomás de Aquino, levanta algumas questões no livro *Sobre os anjos*, que permitem compreender de forma mais clara a relação entre o divino e o humano,

A investigação acerca dos anjos nos aproxima do estudo de Deus porque, se à razão não repugna a busca deste conhecimento, isto significa que naturalmente ela está apta a possuí-lo, segundo a capacidade da sua própria natureza, e, também, na medida em que seja iluminada pela bondade e pelo amor divino (TOMÁS, 2006, p. 39).

O autor explora as nuances da existência espiritual e a manifestação do sagrado de forma filosófica. Através disso, somos instigados a expandir nossa compreensão sobre a natureza da realidade e a nossa própria busca por significado e transcendência desses seres angelicais.

Para Santo Tomás de Aquino “as substâncias espirituais que, por estarem mais próximas da Causa Primeira, denominamos anjos, que executam mais universalmente a providência divina”. Essa proximidade com Deus faz com que os anjos tenham um conhecimento mais profundo e uma capacidade extrema de agir de acordo com suas ordens. Sua função vai além dos limites do mundo material e os torna participantes ativos na implementação do plano divinal.

Além do mais, “os anjos são executores universais da providência divina; donde, assinalando-o, são chamados anjos, isto é, mensageiros, pois é próprio de mensageiros que eles executem as coisas dispostas por Deus” (TOMÁS, 2006, p. 159). A palavra "anjo" está profundamente ligada à sua tarefa de ser portador das ações divinas, agindo

como intermediários entre o plano divino e o mundo humano. Ao chamá-los de mensageiros, destaca-se a natureza ativa e diligente em cumprir as obras celestes.

Tomás de Aquino levanta uma questão interessante para compreender a criação dos anjos.

Na sequência da criação das coisas, menção expressa à produção das substâncias espirituais — para que não se desse uma oportunidade de idolatria ao povo inculto a que a lei era proposta, quando, pelo discurso divino, se introduzissem várias substâncias espirituais superiores a todas as criaturas corpóreas —, não se pode saber explicitamente, a partir das Escrituras, quando teriam sido criados os anjos. Que não foram criados após as coisas corpóreas, isto tanto a razão esclarece, pois não seria conveniente que as coisas perfeitas se criassem depois, como [também] se colhe expressamente da autoridade da Sagrada Escritura (TOMÁS, 2006, p. 189).

Embora as Escrituras falem sobre a criação de seres espirituais, não há uma referência direta sobre a criação dos anjos. Talvez isso seja feito para evitar que as pessoas menos instruídas atribuam um valor divino excessivo às substâncias espirituais. Tomás nos ajuda a compreender que os anjos não foram criados depois das coisas corpóreas, seria inconveniente que as coisas perfeitas fossem criadas posteriormente a eles. Além disso, a autenticidade da Sagrada Escritura também confirma que os anjos existem como seres distintos e anteriores à criação das coisas materiais.

O filósofo Santo Tomás de Aquino, refere-se a um argumento apresentado no livro XI *A Cidade de Deus*, de Agostinho de Hipona, que reforça a assertiva acima, indicando que os anjos já existiam antes dos seres corpóreas.

Agostinho, por sua vez, argui no livro XI d'*A Cidade de Deus*: 'Logo, já havia anjos quando os céus foram feitos. E estes o foram no quarto dia. E acaso dizemos que os anjos foram feitos no terceiro dia? Longe disso. Pois é evidente o que foi feito naquele dia: a terra foi separada das águas. Acaso no segundo? Decerto que não; foi feito, então, o firmamento'. E depois acrescenta: 'Portanto, não é de admirar que os próprios anjos estejam entre estas obras de Deus, como aquela luz que recebe o nome de dia'. (TOMÁS, 2006, p. 189).

Agostinho defende que os anjos já existiam quando os céus foram criados no quarto dia, conforme mencionado no relato bíblico. Ele ressalta que no terceiro dia, quando a terra foi separada das águas, não se menciona a criação dos anjos. Então pode-se dizer que os anjos não foram criados no terceiro dia, mas já estavam presentes antes disso. Os anjos também são relacionados a uma "luz" que recebe o nome de "dia", enfatizando a sua natureza espiritual e a sua participação nas obras de Deus.

Santo Tomás de Aquino, ainda ressalta que “segundo a opinião de Agostinho, a criatura espiritual representada pelo nome de céu foi criada juntamente com as criaturas corpóreas, como se vê pelo que é dito no início do Gênesis: ‘No princípio Deus criou o céu e a terra’ (TOMÁS, 2006, p. 191)”. Essa ideia de que o céu, entendido não apenas como o espaço físico, mas também como uma realidade espiritual, foi criado simultaneamente com a terra e outras formas corpóreas, leva-nos a compreender que os anjos, como seres espirituais, já estavam presentes desde o início da criação, compartilhando o mesmo momento de origem com o mundo material.

Desse modo, o questionamento sobre o local ou lugar de onde os anjos teriam sido criados não seria possível responder “visto que eles foram criados antes de toda e qualquer criatura corpórea, e que um lugar é algo corpóreo; a não ser que tomemos por lugar a claridade espiritual com que são iluminados por Deus” mas, “alguns disseram que os anjos foram criados num esplêndido céu supremo, a que chamam empíreo, isto é, de fogo, não pelo calor, mas pelo brilho (TOMÁS, 2006, p. 191-193)”. Essa abordagem de diferentes perspectivas sobre a criação desses seres angelicais, indica várias compreensões da natureza deste ser incorpóreo e a sua relação com espaço celestial. Por um lado, a noção de que os anjos não foram criados em um lugar físico pode indicar que sua existência transcende as limitações do espaço material. Por outro lado, a ideia de que os anjos foram criados no empíreo, associado ao fogo brilhante, pode ser interpretada simbolicamente como a luminosidade e a glória divina que os envolve.

Ademais, dizer que os anjos estão nos céus ou em outros locais corpóreos não se deve entender como se eles lá estivessem de modo corpóreo, isto é, por um contato de quantidade mensurável, mas sim de modo espiritual, por certo contato de poder. O lugar próprio dos anjos é espiritual, segundo o que diz Dionísio no capítulo quinto de Sobre os Nomes Divinos: ‘As substâncias espirituais supremas estão dispostas no limiar da Trindade’ (TOMÁS, 2006, p. 203).

Em outros termos, Tomás de Aquino enfatiza a natureza espiritual e transcendente dos anjos, destacando que seu lugar não é limitado a um espaço físico, mas está relacionado a um contato espiritual e poderoso. Essa compreensão amplia nossa percepção dos anjos como seres espirituais que operam em uma dimensão além do mundo material, estabelecendo uma conexão especial com o divino.

Além da teoria do filósofo Santo Tomás de Aquino, existem outras teorias, nas tradições literárias e mitológicas, em que os anjos, segundo o dicionário de símbolos, são apreendidos como “seres intermediários entre Deus e o mundo, mencionado sob

formas diversas nos textos”, além disso, eles são aludidos como “seres puramente espirituais, ou espíritos dotados de um corpo etéreo, aéreo (CHEVALIER *apud* GHEERBRANT, 2001, p. 60)”, esses significados retomam as teorias de Tomás de Aquino, em que, a figura do anjo tem sido associada a mensageiros divinos, intermediários entre o céu e a terra, ou até mesmo como figuras divinas em si mesmas.

O teólogo Bispo Cordeiro, apresenta a definição e a origem da palavra “anjo”:

Nas tradições pagãs (algumas das quais influenciaram os judeus de tempos posteriores), os anjos eram, às vezes, considerados divinos, e outras vezes, fenômenos naturais. Eram seres que faziam boas ações em favor das pessoas, ou eram as próprias pessoas que praticavam o bem; tal confusão está refletida no fato de que tanto a palavra hebraica “mal'ākh”, quanto a grega “angelos” têm dois sentidos (CORDEIRO [s.d]. p. 11).

Desse modo, os anjos eram considerados aqueles que realizavam boas ações em favor das pessoas ou até mesmo as próprias pessoas que praticavam o bem. Essa ambiguidade e confusão estão presentes no fato de que tanto a palavra hebraica "mal'ākh" quanto a grega "angelos" possuem dois sentidos. O autor ainda ressalta a riqueza e complexidade das concepções sobre os anjos ao longo da história.

A natureza complexa dos anjos reflete-se nas diferentes abordagens e interpretações, nas quais essa diversidade também destacam os anjos associados às diversas formas de bondade, proteção e auxílio às pessoas. É interessante observar que a palavra "mal'ākh" em hebraico e "angelos" em grego podem se referir tanto a seres celestiais divinos quanto a mensageiros ou emissários. Essa ambivalência linguística contribui para a interpretação variada dos anjos nas diferentes culturas e tradições.

Então, a palavra “anjo” dependendo do contexto pode ter vários significados. Sendo assim, Bispo Cordeiro escreve que “o conceito de anjos pode ter evoluído dos tempos pré-históricos quando, então, os seres humanos primitivos emergiram das cavernas e começaram a erguer os olhos aos céus... A voz de Deus já não era a rosnada da floresta, mas o estrondo do céu” (CORDEIRO [s.d], p. 11). Essa evolução conceitual dos anjos reflete uma mudança no modo como os seres humanos se relacionam com o divino. Enquanto a natureza era vista como a morada de Deus, com o desenvolvimento da consciência humana, o céu passou a ser considerado um local sagrado e celestial. Os anjos, então, tornaram-se intermediários entre o divino e o humano, mensageiros que habitavam o reino celestial e serviam como ponte entre a humanidade e a divindade.

Essa interpretação sugere uma evolução do pensamento humano em relação ao divino e à compreensão dos anjos. À medida que a consciência humana se desenvolvia,

a percepção do mundo assombrado também evoluía, resultando na construção de conceitos complexos.

Enio Paulo Giachini, explica que a partir de uma luz inacessível e intensamente brilhante, surge um raio que ilumina os seres primordiais mais próximos dessa luz, como os espíritos puros mais elevados. Essa iluminação é então refratada em múltiplas formas e transmitida às ordens inferiores, alcançando até as criaturas mais baixas capazes de receber essa iluminação.

Da luz inacessível, que por causa de seu brilho excessivamente claro oculta os seres primordiais às criaturas, provém um raio, que eles conseguem apreender, os primeiros seres a ele mais próximos, os espíritos puros mais elevados, os ilumina, é refratado em múltiplas iluminações e transmitido às ordens inferiores até as criaturas mais baixas que ainda são capazes de iluminação. Em certo sentido, isso é tudo o que existe. Pois mesmo que nem todas as coisas possam receber a iluminação divina, de tal maneira que através dela — como os espíritos criados, anjos e homens[...] (GIACHINI, 2021, p. 118)

Em essência, Giachini sugere que essa iluminação divina é fundamental e abrange tudo o que existe. Embora, nem todas as coisas possam receber essa iluminação da mesma maneira, os espíritos criados, os anjos e os seres humanos são mencionados como aqueles que podem ser iluminados por ela. Isso implica mencionar que a luz divina desempenha um papel central na compreensão do mundo espiritual e da existência em si, que a sua transmissão ocorre de forma gradual, passando por diferentes níveis de seres até alcançar as criaturas inferiores.

Nesse sentido, eles pertencem à ordem hierárquica do ser e do conhecimento e constam nos escritos areopagíticos da hierarquia celestial e eclesíástica. Mas os portadores da atuação hierárquica, os mensageiros de Deus, encarregados de levar a luz celestial para perpassar a criação, são apenas os espíritos celestiais e as instâncias consagradas da igreja. (GIACHINI, 2021, p. 118)

Giachini ressalta a importância dos anjos como intermediários entre o divino e o mundo terreno. Eles ocupam uma posição de destaque na ordem hierárquica, desempenhando um papel crucial na disseminação da luz celestial. Ao serem associados aos mensageiros de Deus, eles são vistos como portadores de uma missão sagrada e como agentes que conectam os planos espiritual e mundano. Essa visão ressoa com concepções religiosas e espirituais que atribuem aos anjos um papel de orientação, proteção e intermediação.

No *Dicionário de Símbolos* é citado o poeta Rainer Maria Rilke, que de um modo mais abrangente diz que “o anjo simboliza a criatura na qual surge já realizada a transformação do visível em invisível por nós executada” (CHEVALIER, 2001, p. 60). Assim, o anjo é visto como um ser que ultrapassa os limites da percepção sensorial e adentra no domínio do invisível, do espiritual ou do divino. Essa interpretação do anjo como símbolo da transformação do visível em invisível ressalta a busca humana pela espiritualidade, pela compreensão de realidades além daquelas percebidas pelos sentidos físicos.

Os anjos normalmente são classificados com tais expressões “exército dos céus”, “soberanias”, “principados”, “potestades”, e outros termos similares, assim como expressões figuradas, geralmente aplicadas aos anjos na *Bíblia Sagrada*. Para Dionísio, o Areopagita, (500. d.C), o anjo é como “uma imagem de Deus, uma manifestação da luz oculta, um espelho puro, brilhante, sem defeitos, nem impureza, ou mancha” (GOMES, 2021, p. 13). Desse modo, o anjo é apresentado como uma entidade divina que reflete a essência e a perfeição de Deus. Ele é visto como uma expressão luminosa e radiante da divindade, carregando consigo a pureza e a santidade inerentes a essa natureza divina. O uso da imagem do espelho sugere que o anjo é capaz de refletir a luz divina de forma clara e fiel, sem distorções ou impurezas. Ele se torna um meio de revelação da presença divina, permitindo que os seres humanos tenham um vislumbre do divino através dessa manifestação resplandecente. Essa ideia é comumente encontrada em várias tradições religiosas e teológicas.

Os anjos foram criados por Deus (Ne. 9.6; Cl. 1.16). Deus os criou mais elevados em tudo do que os homens (Sl. 8.4-5)”. Foram criados em inumerável quantidade (Dt. 33.2; Jó 25.3; Dn. 7.10; Ap. 5.11). Eles não devem ser adorados (Cl. 2.18; Ap. 19.10; 22.9), pois estão sujeitos ao senhorio de Cristo (Ef. 1.20-21; Fp. 2.9-11; Cl. 2.10). (CHAGAS, 2015, p. 03).

Os anjos são vistos como seres criados por Deus para cumprirem diferentes propósitos. Eles são considerados parte da ordem espiritual que desempenham papéis diversos, como mensageiros divinos, guardiões, guias espirituais e agentes do plano celestial. Essa concepção contribui para a compreensão dos anjos como entidades espirituais poderosas e subordinadas à vontade divina. Mas pode ser interpretada de diferentes maneiras, dependendo das crenças religiosas e teológicas. Geralmente é expressada a ideia de que os anjos são seres espirituais dotados de poderes especiais, de

conhecimento mais amplo, e de acesso a dimensões divinas que os humanos não possuem.

Santo Tomás de Aquino tem uma visão em consonância com o *Livro Sagrado* sobre a origem dos seres angelicais, pois para ele os anjos são criaturas espirituais que foram trazidas à existência por Deus como parte de sua obra criadora. Essa visão é fundamentada na crença teológica de que Deus é o criador de todas as coisas, tanto espirituais quanto materiais.

O Santo defende a ideia de que os anjos são seres criados, o que significa que eles têm um começo e foram trazidos à existência por meio do ato criativo de Deus. Essa visão ressalta a dependência e a submissão dos anjos a Deus como seu criador e fonte de vida. Aquino também acredita que os anjos foram criados antes das criaturas corpóreas, ocupando uma posição especial na ordem da criação.

Os seres angelicais nas tradições religiosas, filosóficas e literárias apresentam diferentes categorias e hierarquias, cada uma com características e funções específicas. Essas classificações buscam organizar e compreender a diversidade desses seres, atribuindo-lhes papéis e posições distintas dentro do contexto espiritual.

Embora haja variações nas classificações ao longo das tradições, é comum encontrar categorias como serafins, querubins, tronos, domínios, virtudes, potestades, principados, arcanjos e anjos. Cada um deles possui características particulares e desempenha funções específicas no universo espiritual. Ademais, esses seres angelicais na literatura desempenham um papel significativo ao alimentar a imaginação humana, despertar a espiritualidade e explorar os mistérios do divino.

3 A IMAGEM DOS ANJOS NA POESIA

À medida que exploramos a presença dos anjos na literatura, somos naturalmente conduzidos ao seu papel na poesia, principalmente por despertar fascínio e inspiração nos poetas. Dentre as suas definições a mais comum é “mensageiros divinos” entre o céu e a terra. No contexto lírico, os anjos assumem diferentes formas e significados, refletindo a diversidade de visões e interpretações por parte dos escritores.

É possível encontrar a presença dos seres angelicais no livro *Sonetos e outros poemas*, de Luís Vaz de Camões, em que os anjos são percebidos como seres celestiais, dotados de beleza e poder, que atuam como intermediários entre o divino e o humano. Nesta estrofe encontra-se alguns aspectos: “Aos homens um só Homem pôs espanto, / e

o pôs a toda humana natureza, / que de homem teve o ser, de anjo a pureza, / porque antes que nascesse era já santo” (CAMÕES, 2013, p. 28). Essa estrofe revela uma visão poética de Camões, em que o elemento divino está presente na figura humana, trazendo uma dimensão sagrada à existência terrena. Ele destaca a importância do elemento espiritual e da pureza como qualidades desejadas e valorizadas.

Os anjos de Camões frequentemente são retratados como mensageiros divinos, portadores de sabedoria e revelação, que não foge do sentido do *Dicionário de Símbolos* de Chevalier. Além disso, a figura do anjo em seus poemas muitas vezes simboliza a busca pela transcendência, o amor divino, a redenção e a espiritualidade. Camões utiliza a imagem do anjo para expressar emoções intensas, como amor platônico, desejo ardente ou angústia existencial.

Desse modo, em consonância com Camões, a poeta Sophia Andresen, em seu livro *Obra Poética*, tem retratado os anjos para expressar uma dimensão espiritual e mística. Em seus poemas, os anjos muitas vezes aparecem como figuras celestiais que estão além do mundo material, representando a pureza, a beleza e a sabedoria divina.

No poema “Anjo”, o eu lírico demonstra a sua visão sobre os seres angelicais e o amor. Ao representar o anjo como “ausente e tenebroso como um lírio” e “carnal e transcendente como um nardo”, a voz poética liga elementos opostos para representar a natureza ambígua e misteriosa do amor.

No verso “as tuas asas brancas ferem o silêncio”, a dualidade presente no poema reflete o impacto que os seres angelicais causam, assim como o amor, “O muro empalidece, / E o murmúrio das folhas é a prece / Do coração que sabe a morte e o tempo. / Pois como quem sonha nós sabemos, / Cheios de espanto e treva, / Amor”; assim sendo, esse sentimento está sendo manifestado pela presença dos anjos, pois assim como existem os anjos de luz, também existem os anjos das trevas, e o termo amor está fazendo referência a estes anjos, e assim como existem essas duas categorias de anjos, no amor também pode se revelar como o bem ou como o mal. Quando diz “que as mãos traiçoadas não sustentam”, está se referindo a fragilidade humana, “e a tua luz em nós fez-se terror” simboliza que a luz do amor se torna uma fonte de medo e angústia, abrindo um caminho para um momento de solidão, como se observa no último verso do poema que diz: “Abrindo a grande noite abandonada” (ANDRESEN, 2010, p. 8).

Desse modo, nota-se que Sophia Andresen explora em seus poemas a beleza e a serenidade dos elementos naturais, transmitindo uma sensação de harmonia e respeito

pela criação. Além do mais, sua poesia revela uma profunda inquietação existencial do eu lírico.

A poeta que melhor dialoga com Sophia Andresen é Florbela Espanca, pois no seu poema os anjos são apresentados tanto pela idealização do amor romântico e celestial, como também a esperança, a proteção e a busca por um sentido mais profundo na existência humana. Em sua obra, *Poemas de Florbela Espanca*, há um poema intitulado “Num postal”, “Luar! lírio branco que se esfolha... / Neve, que do céu anda perdida, / Asas leves d'anjo, que pairando, / Reza pela terra adormecida...” (ESPANCA 1997, p. 11).

Este poema, tem um ar de encanto e mistério, pois há a presença de elementos como o luar, o lírio, a neve e as asas de anjo. Mostra também uma linguagem lírica e simbólica, cuja imagem do “Luar! Lírio branco que se esfolha” remete a uma cena noturna, em que a lua se assemelha à delicadeza de um lírio branco desabrochando, e a associação com a pureza e a fragilidade do lírio estabelece uma conexão com a ideia de transcendência e espiritualidade. Já na segunda estrofe é mencionada “neve, que do céu anda perdida”, a neve retrata a imagem de um anjo, pois a neve representa a pureza e renovação, e neste poema o anjo sobrevoa por uma cidade calma, na qual os humanos estão tranquilos descansando, e na última estrofe “Reza pela terra adormecida...”, dando a entender que muitos humanos estão rezando para o seu Anjo da Guarda, para pedir proteção e paz durante o sono.

Florbela Espanca com uma linguagem simples, consegue demonstrar o quão belo e puro o anjo pode ser. E a presença dele traz uma dimensão espiritual, conectando o céu e a terra. A busca pela transcendência e conexão entre o divino e o humano é bem notória, sendo que o poema também faz o leitor refletir sobre a beleza da natureza e a presença do sagrado no cotidiano.

Um dos poetas renomados da literatura portuguesa que também apresenta uma visão dos anjos permeada de melancolia e saudade é o escritor Almeida Garrett. Em seus poemas, os anjos são retratados como seres celestiais, associados à pureza e transcendência, mas com uma abordagem nostálgica e triste, que são características do romantismo.

Em seu livro, *Folhas Caídas*, os anjos são figuras distantes, separadas do mundo terreno e inacessíveis aos seres humanos. No poema, “Adeus, Mãe! ”, a presença do anjo é mencionada de forma implícita e indireta, o eu lírico está em uma comovente conversa com sua mãe, e percebe-se que ele parece ser um filho moribundo, em alguns

momentos ele menciona que os anjos estão chamando por ele, indicando a proximidade da morte e a transição para o mundo espiritual. Ademais, podemos observar esses aspectos na primeira estrofe do poema “— Adeus, mãe! adeus, querida, / Que eu já não posso coa vida, / E os anjos chamam por mim. / Adeus, mãe, adeus! ... Assim, / Junta os teus lábios aos meus, / E recebe o último adeus / Neste suspiro... Não chores, / Não chores: aquelas dores / Já sinto acalmar em mim. / Adeus, mãe, adeus! ... Assim, / Junta os teus lábios aos meus... / Um beijo — um último... Adeus!” (GARRETT, 2013, p. 28).

Assim, ao pedir à mãe que junte seus lábios aos dele e receba o último adeus, o eu poético expressa a necessidade de conexão afetiva antes de partir. Neste contexto, esses versos retomam o sentido do dicionário, em que o anjo é facilmente interpretado como intermediários entre o mundo humano e o cosmos espiritual, proporcionando conforto e conduzindo o eu lírico para além da existência terrena.

A referência aos anjos na última estrofe do poema sugere a ideia de que a partida do eu lírico está ligada a um destino metafísico, pois quando diz “Levai, ó anjos de Deus” simboliza mais uma vez que os anjos são intermediários entre Deus e os homens “Levai essa dor aos céus”, ele pede para os anjos tirarem essa dor dele e levá-la ao paraíso “Com a alma do inocente / Aos pés do Juiz Clemente / Aí fique a santa dor / Rogando à Eterna Bondade / Que estenda a imensa piedade”, por ser um homem inocente que só quer ser julgado conforme as leis de Deus e que Ele tenha piedade deste ser humano que clama por salvação, termina, então, dizendo “A quantos pecam d’amor” (GARRETT, 2013, p. 29). Este poema, nos induz a fazer uma analogia no percurso de Jesus, ao encontro com Maria, e como Ele sabia que aquilo era o certo a se fazer, pois Ele estava dando a vida para libertar os humanos do pecado, fazendo referência no último verso “A quantos pecam d’amor”. O poema de Garrett sugere a ideia de uma transição espiritual iminente, em que os anjos desempenham um papel de guia e conforto para o ser humano.

Desse modo, como foi visto na análise de alguns dos poemas desses escritores, pode-se observar a forma com que o leitor é convidado a adentrar num universo simbólico, em que a imagem celestial se entrelaça com as emoções humanas, a natureza e o transcendental.

Segundo Job Lopes (2014) cita Adma Muhana (2002) em que diz que “a poesia amálgama imagens, uma é metáfora da outra, elas se completam e se declaram”, as imagens são usadas como ferramentas para transmitir significados mais profundos e complexos. Através de metáforas e comparações, a poesia cria associações entre

diferentes elementos, permitindo que cada imagem ressoe e se relacione com a outra. Essa interação entre as imagens cria uma rede de significados e sugere múltiplas interpretações. E é isso que esses quatro autores estão fazendo, trazendo a imagem do anjo por meio de metáforas, para questionar a existência humana.

Rosa Maria Martelo (2012), fala que “as imagens da poesia nunca se separam do histórico do pensamento e do histórico das imagens da poesia e das outras artes, da cultura e da biografia” (p. 129-130). Nesse sentido, as imagens utilizadas na poesia não são meramente abstratas ou isoladas, mas estão profundamente enraizadas nas influências e experiências do autor, assim como nas referências culturais e estéticas do período em que a obra foi escrita. A poesia é moldada pelas imagens que a precederam, pela tradição literária e pelas correntes artísticas que a permeiam. Ao escrever poesia, o poeta faz uso consciente ou inconsciente dessas imagens históricas e culturais, dialogando com elas e, ao mesmo tempo, criando novas associações e significados. As imagens poéticas são de uma carga simbólica, que remete a um conjunto de referências compartilhadas e ressoa na sensibilidade do leitor.

Assim, ao analisar um poema ou uma obra poética, é essencial considerar não apenas o texto em si, mas também o contexto histórico, cultural e biográfico que o envolve. Compreender as imagens utilizadas pelo poeta requer uma imersão no universo de referências que o cercam, assim como uma apreciação da evolução histórica do pensamento e da arte.

Essa interconexão entre as imagens da poesia e o histórico do pensamento e das outras artes reforça a importância da poesia como um reflexo e uma influência da cultura e da sociedade aqui inserida. Além disso, evidencia a capacidade da poesia de transcender o tempo e o espaço, dialogando com diferentes épocas e revelando as múltiplas camadas de significado, por isso que não se pode deixar de falar da poesia contemporânea, sendo que esses autores viveram e compartilharam das mesmas vivências de mundo em tempos distintos.

Segundo Giorgio Agambem (2009, p. 58) “o contemporâneo é o intempestivo”. O termo “intempestivo” pode ser entendido como algo que vai contra a corrente, que não se encaixa nos padrões e expectativas do momento presente. Ser intempestivo implica em romper com a temporalidade linear e desafiar as convenções estabelecidas, questionando-as e propondo novas perspectivas. Essa visão ressalta a importância de olhar para além das tendências e modismos, buscando explorar o que é autêntico, singular e inovador. Ser contemporâneo, nesse sentido, não significa simplesmente estar

em sintonia com o que é popular no momento, mas sim ter uma postura crítica e criativa em relação ao tempo presente.

A poesia na contemporaneidade continua a desempenhar um papel significativo como forma de expressão artística. Sendo que ela reflete e responde aos desafios e complexidades da sociedade atual, rompendo com convenções tradicionais, explorando novas formas de linguagem e abordando temas mais amplos e diversos. Ela se adapta às mudanças culturais, tecnológicas e sociais, utilizando recursos multimídia e experimentações estéticas para alcançar diferentes públicos.

Giorgio Agambem, diz que a ideia de que o compromisso da contemporaneidade não está restrito apenas ao tempo cronológico.

Compreendem bem quem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. E essa urgência é a intempestividade, o anacronismo que nos permite apreender o nosso tempo na forma de um 'muito cedo' que é, também, um 'muito tarde', de um 'já' que é, também um 'ainda não'. (AGAMBEM, 2009, p. 65-66)

Nesse sentido, essa urgência refere-se à intempestividade e ao anacronismo, que nos permitem compreender o nosso tempo como algo que está sempre em evolução. Essa perspectiva desafia a noção linear do tempo e convida-nos a refletir sobre a complexidades do contemporâneo.

Na poesia e na arte de modo geral, a noção de ser intempestivo pode ser uma fonte de inspiração e liberdade criativa. Gilberto Mendonça Teles nos diz que cada poeta possui sua própria poética, sua visão particular sobre o que é a poesia e como ela deve ser expressada.

O autor de hoje trabalha à sua maneira, à maneira que ele considera mais conveniente à sua expressão pessoal. Do mesmo modo que ele cria sua mitologia e sua linguagem pessoal, ele cria seu conceito de poema, e a partir daí, seu conceito de poesia, de literatura e de arte. Cada poeta tem sua poética. Ele não está obrigado a obedecer a nenhuma regra, nem mesmo aquelas que em determinado momento ele mesmo criou, nem a sintonizar seu poema a nenhuma sensibilidade diversa da sua. (TELES, 1985, p. 380)

O autor contemporâneo não se sente obrigado a seguir regras estabelecidas, nem mesmo aquelas que ele próprio tenha criado anteriormente. Ele não busca ajustar seu poema a nenhuma sensibilidade que seja diferente da sua própria. Essa abordagem individualista e autônoma do autor contemporâneo reflete a valorização da subjetividade e da singularidade na criação literária. Cada autor tem a liberdade de desenvolver sua

própria estética, de romper com convenções estabelecidas e de buscar uma linguagem e uma expressão que sejam verdadeiras e autênticas para si.

Jorge Fernandes da Silveira cita uma entrevista de Luiza Neto Jorge, na qual ela questiona Maria Tereza Horta sobre o surrealismo na moderna poesia ocidental, e essa foi sua resposta:

Vejo muitos poetas portugueses modernos; pouca poesia moderna poesia portuguesa. Há muitos movimentos (e também muitas inercias) ainda não superados (alguns estão superáveis!). A moderna poesia ocidental tem raízes bastante fundas no surrealismo. Tende naturalmente a libertar-se delas e consegue-o melhor ou pior, mais fácil ou mais dificilmente consoante o ambiente social que a condiciona. Parece-me que, entre nós, o surrealismo ainda terá a sua razão de ser-como tal destruição de cânones bafientos, como reação a um ambiente social rígido. Depois será talvez mais fácil, mais possível, a total reconstrução, formas e ideias novas. (SILVEIRA, 1981, p. 36)

A fala da autora sugere a necessidade de superar tanto os resquícios do surrealismo quanto os elementos conservadores da sociedade, a fim de construir uma nova forma de expressão poética que reflita as realidades sociais e políticas do momento. Como Silveira mesmo diz no seu livro, há um teor de “humor” na fala dela, a poesia moderna ocidental tem raízes profundas no surrealismo, o que implica em uma busca pela liberdade criativa e pela quebra de convenções estabelecidas. Ela explica que, no contexto português, o surrealismo ainda desempenha um papel relevante como uma forma de destruir normas rígidas e tradicionais, como uma reação a um ambiente social opressivo.

A contemporaneidade na poesia portuguesa reflete o panorama cultural, social e estético do presente, trazendo consigo as transformações e os desafios da era moderna. A poesia portuguesa contemporânea apresenta uma diversidade de vozes, estilos e temas, explorando as múltiplas facetas da experiência humana.

Falar de poesia portuguesa contemporânea, não é obrigatoriamente falar da poesia do século XX portuguesa, ou mais precisamente falar dos poetas que publicaram a partir da segunda década do século XX. Poderá sê-lo ou não. Porque facilmente poderemos provar que poetas como Cesário Verde ou Fernando Pessoa, ou ainda numa linha mais radical, Camões, são poetas contemporâneos, pela atualidade das suas poéticas, pela ressonância poética que continuam a ter em sucessivas gerações de poetas portugueses, em todo o século XX e já mesmo de década e meia do século XXI. (COSTA, 2015, p. 220)

Essa visão amplia o cânone poético e permite que a poesia portuguesa contemporânea seja compreendida como um diálogo entre diferentes épocas, estilos e

perspectivas. Ela ressalta que a contemporaneidade na poesia vai além das fronteiras temporais, abrangendo a capacidade de uma obra poética transcender o tempo e encontrar ressonância em diferentes contextos históricos e sociais.

Jorge Fernandes da Silveira cita um trecho do ensaio “A poesia é um diálogo com o universo”, que faz uma reflexão profunda sobre a relação entre o ser humano, a poesia e o universo. O autor expressa a ideia de que, em um nível extremo da nossa existência, nos tornamos seres que perderam sua identidade e densidade, mas não porque nos despojamos do que nos torna humanos, e sim porque fundimos nossa existência com a luz da poesia, com a alma e com os sonhos do próprio universo.

Num extremo limite da nossa condição, nós somos esses seres que perderam sua identidade e até mesmo a sua densidade, como o sentia Keats, não por nós termos despojados do elemental humano, mas pôr o temos fundido na luz da poesia, na alma e no sonho do próprio universo.

Poesia é o maior abraço com que o homem enlaça a vida e todo o poeta sonha esse encontro com a vida que, realizado, é o cumprimento do seu próprio destino humano, é a própria Poesia. (SILVEIRA, 1981, p. 38)

Essa perspectiva ressalta a importância da poesia como uma forma de sublimidade, um meio pelo qual podemos acessar e expressar nossa humanidade mais profunda. Através da poesia, somos capazes de explorar a vida em sua totalidade, abraçando-a com intensidade e significado.

A poesia, então, é apresentada como um meio pelo qual nos conectamos com a essência do universo e com nossa própria essência como seres humanos. É um convite para olhar além do superficial, das convenções sociais e das limitações do cotidiano, e mergulhar em uma dimensão mais profunda e espiritual. Ao abraçar a vida por meio da poesia, abrimo-nos para a beleza e a descoberta de significados mais amplos. Silveira afirma em seu livro *Portugal Maio de Poesia 61* que a poesia é o maior abraço com o qual o homem envolve a vida. Ele sugere que a poesia é a forma pela qual o poeta busca esse encontro profundo com a vida, que é a realização de seu próprio destino humano. Esse encontro com a vida é, em si mesmo, a própria essência da poesia. Nesse sentido, a poesia não é apenas uma forma de expressão artística, mas também uma forma de existência e de conexão com o mundo ao nosso redor.

É por esse motivo que os poetas portugueses exploram a intersecção entre o individual e o coletivo, abordando questões existenciais, identidade, memória, política, gênero e as complexidades da vida contemporânea. Eles experimentam diferentes

formas de expressão, combinando tradição e inovação, desafiando os limites da linguagem poética.

Silveira aprofunda sua visão sobre o papel do homem na relação com o universo, destacando a figura do poeta como aquele capaz de estabelecer esse diálogo de forma concreta.

O homem concretiza o diálogo com o universo. Identifica-se poeta. E poeta é aquele que pode dispor de um excedente da linguagem social e sabe transformá-lo em versos. Poesia é um jogo de tensões entre a experiência do olhar sobre a realidade extrínseca e a possibilidade de interpretar a diferença que se interioriza na produção de um trabalho sobre linguagem (SILVEIRA, 1981, p. 39)

O autor ressalta que o poeta, ao dispor desse excedente de linguagem, tem a capacidade de ir além da mera expressão social convencional. Ele busca explorar as potencialidades da linguagem para dar forma à sua experiência e à sua interpretação única do mundo. A poesia se torna, assim, um meio de transcender a linguagem cotidiana e de criar uma nova linguagem que exprima a visão singular do poeta.

É importante como Silveira destaca a linguagem poética como uma ferramenta para a exploração da realidade e a expressão da subjetividade. Sendo que, por meio da poesia, o poeta concretiza seu diálogo com o universo, criando uma tensão entre a experiência do olhar sobre a realidade e a transformação dessa experiência em um trabalho linguístico único. A poesia, assim, se torna um meio pelo qual o poeta pode expressar sua identidade e sua interpretação pessoal do mundo.

Ademais, todas essas características sobre os anjos, em outros poetas, levam-nos a investigar a visão poética de Fiama Hasse Pais Brandão, quando levada em consideração essa criatura. E como essas imagens plurais, demonstradas na literatura, no decorrer dos tempos, ainda repercutem na poesia portuguesa contemporânea, tomando por objeto de observação os textos de Fiama.

4 *POLISSÍLABOS SOBRE ANJOS: UMA ANÁLISE*

A poesia de Fiama Hasse Pais Brandão apresenta imagens líricas que ajudam a entender o modo com que os anjos são configurados em seu texto. Essas obras exploram muitas facetas do ser angelical, que possibilitam ao leitor uma nova dimensão poética e espiritual. Por meio da manifestação desses seres, a autora nos instiga a ir além do

mundo material e adentrar em um universo metafísico, cujas fronteiras ente o real e o imaginário, ora se diluem, ora se constituem.

Desse modo, explorar a imagem dos anjos na poesia pode desvendar camadas mais profundas e significativas, expandindo a compreensão sobre a natureza humana e a busca da elevação. Através de sua poética, é possível descobrir uma nova visão dos poemas envolvendo os seres angelicais. Márcio de Lima Dantas comenta que a poesia engajada da autora, permite uma nova perspectiva filosófica, envolvendo temas conhecidos e mitos da literatura portuguesa.

Embora tenha se expressado de maneira ostensivamente engajada nos temas que representavam as inquietações do seu tempo, sempre numa perspectiva filosófica e universalizante, a autora nunca buscou um registro panfletário e excessivamente explícito com relação aos referentes manuseados em sua obra. Com efeito, mesmo tratando de temas de natureza histórica ou mitos da nacionalidade portuguesa, a poeta os aborda sob novo prisma, quase sempre crítico, nunca se deixando seduzir pela mesmice ou pela gramática mítica, que anseia por ser ritualizada e perpetuada, fortalecendo os mecanismos dos processos ideológicos no Imaginário. (DANTAS, [s.d], p. 03).

Neste contexto, a autora quebra todos os clichês criados ao longo dos anos sobre os seres angelicais, ela consegue através de sua poesia ressignificar o sentido dos mitos, dando uma nova visão, além de aprofundar as questões sociais e humanas. A autora consegue usar o anjo também como símbolo para tentar desvendar o sentido da existência na terra.

Sendo assim, enfatiza-se a importância da imagem na poesia da autora, destacando que sua concepção vai além dos aspectos meramente ideológicos. “Embora não possamos restringi-la a conceitos da ordem dos procedimentos filosóficos ou filológico, pensar a imagem é estrutural para a poesia de Fiana Hasse Pais Brandão.” (DRUMMOND, 2022, p. 174). O uso desse aspecto em seus poemas carrega-se de significados profundos. Ela faz uso de uma linguagem poética intensa e sensitiva, que se apoia fortemente na forma para transmitir reflexões existenciais.

No livro *Polissílabo sobre anjo*, da Antologia *Âmagô*, o anjo é retratado de maneira multifacetada. A autora utiliza o ser celestial como um elemento simbólico que representa a busca pelo divino, a transcendência e a conexão com o sagrado. Essa linguagem que a autora utiliza para retratar a imagem do anjo, evoca a pureza, a luz e a proteção divina.

Além disso, a poeta aproveita para mostrar as perspectivas que geram esses seres, e de forma acessível consegue demonstrar através dos seus versos aspectos

importantes desses mensageiros, tidos por mediadores entre o céu e terra. Que lembra muito o significado do dicionário de símbolos, em que muitos autores “vêm nos anjos símbolos das funções divinas, símbolos das relações de Deus com as criaturas” (CHEVALIER, 2001, p. 60). E é através desta linguagem que a autora consegue demonstrar que os anjos assumem diversos papéis em seus poemas, assim como nas tradições religiosas, nos quais os anjos estão associados às várias máscaras do divino.

Posto isso, Santo Tomás de Aquino (2006, p. 159), diz que o termo “anjo” é utilizado para enfatizar essa função de mensageiros, pois eles são os responsáveis por executar os planos divinos. E o autor ressalta a importância dos anjos como intermediários entre Deus e o mundo, visto como seres espirituais que estão intimamente destinados a cumprir a sua função de transmitir e realizar ordens divinas.

Dessa forma, os poemas da obra em estudo, permitem que o leitor mergulhe num universo, em que os anjos são concebidos também como a busca espiritual, a procura por significados e a conexão com o divino. Podemos observar essas características no poema intitulado “Anjo enlouquecido pelo tempo”, no qual se apresenta um novo ar de contemplação e reflexão diante de uma cena, em que a imagem do anjo é retratada. A poeta descreve a presença do anjo em meio a um cenário urbano, nas ruas da cidade. A imagem do anjo é permeada por uma aura de vulnerabilidade e fragilidade, contrastando com a grandiosidade e imponência, muitas vezes associadas a essa figura celestial.

Esmaga-Te um grande círculo que eram
as ruas. Vi-Te ao longe tactear
e correr. Despedi-me a olhar o Teu pânico.
Da varanda vi as ruas que eram sórdidas.

Naquela luz de verão Tu estavas nítido.
Os despojos das flores roxas emaranhados
nos Teus pés no alcatrão escuro
esvoaçavam. Automóveis esbatiam-Te

a figura. Qualquer eco ao partires
havia de morrer. Pedras tornavam
as ruas uma paisagem onde cabeceavas.
Tu partias arrastado pelo Tempo.

Assim como eu ficava a ver-Te ao longe
entre as folhas. Grandes copas verdes
todas de flores minúsculas escondem
o resto dos Teus movimentos. Dócil ante

o destino eu imagino-Te. Tu eras frágil
como as minhas sílabas vagarosas.
(BRANDÃO, 2010, p. 78)

No primeiro verso, “Esmaga-Te um grande círculo que eras as ruas”, evidencia-se a presença de imagens demasiadas e vividas, em que o anjo parece estar sendo pressionado por uma força superior. A expressão “grande círculos que eram as ruas” demonstra ser a vida urbana, em que o eu lírico se encontra, cheias de pessoas e carros. O círculo significa que o anjo está sempre fazendo este mesmo percurso, que ele está fadado a ser um mensageiro.

Observa-se que o anjo se apresenta, a partir de uma dualidade entre o celestial e o terreno, tendo nos seguintes versos essa oposição: “Os despojos das flores roxas emaranhados /nos Teus pés no alcatrão escuro/ esvoaçavam.”, as flores roxas nos pés do anjo criam essa duplicidade de sentido. Nota-se que através desses versos, se conectam facilmente, é possível perceber que o ser dr angelical está em movimento, como por exemplo no verso “Vi-Te ao longe tactear e correr”, ancorado na ideia de que o anjo vivencia aquela agitação da cidade urbana.

No verso, “despedi-me a olhar o Teu pânico”, revela um aspecto humano e vulnerável dessa criatura. Neste contexto, o eu lírico, ao conhecer esse lado mais humano do anjo, sente uma conexão profunda consigo mesmo. O “pânico” no anjo poder ser entendido como uma projeção das próprias inquietações do eu lírico, despertando a necessidade de se despedir da vida caótica da cidade grande, ou metaforicamente, de se libertar das agitações internas.

O poema traz a essência da escrita de Fiama, pois no verso “Grandes copas verdes todas de flores minúsculas e escondem o rosto dos Teus movimentos”, apresenta o elo entre o ser angelical e a natureza, significando que a natureza é fascinante assim como os seres incorpóreos, fazendo com que seus leitores busquem nas entrelinhas os mistérios da condição humana e da transcendência.

Além da dualidade apresentada no poema acima, a autora faz isso também no poema “O Anjo Marinho” e mostra essa dualidade entre o pensamento, a materialidade, entre o fogo e a cinza, entre a presença e ausência do ser amado, que é tratado como “Anjo Marinho”.

O pensamento às vezes torna-se
material e tórrido. E às vezes
nas imagens da ausência nada
é frio. Ou outras associações
nascem. Estou sem Ti percorrida
por esse fogo. As frases cáli-
das que ainda ecoam. As faúlhas
azuis e a baba do verdadeiro
fogo. Expectante e em cinza. Não

me reconheces já. Eu transfiro
o meu poder para a cinza. É
encantatória. Suave e com um
cinzento de rolas. Certos dias
a poeira brilha. Tu ainda
podes aturdir-me. Sopr
com lentidão para dentro do mar.
Até que eu me deixe afastar.
(BRANDÃO, 2010, p. 78)

A imagem do anjo como “anjo marinho”, reflete um ser enigmático que está representado pela “as faúlhas azuis e a baba do verdadeiro fogo”. Essas centelhas ecoam nas frases quentes, conduzidos por sentimentos intensos e tórridos, mostrando a ausência da separação entre esse ser angelical do eu lírico, aqui apresentado como alguém enigmático.

Além disso, a cinza parece com um elemento simbólico importante, sendo “encantatória” e “suave”, sugerindo uma fusão entre o ser angelical e o eu lírico. Essa fundição entre esses dois elementos é percebida como um itinerário interno, no qual o verso “Eu transfiro o meu poder para a cinza”, demonstra que o eu lírico mergulha profundamente em suas emoções, deixando o ser angelical levá-lo para dentro do mar até que o deixe afastar.

Desse modo, o eu lírico manifesta sentimento de esperança em relação ao anjo, pois acaba se entregando e buscando a transcendência em algo que desconhece. O poema evoca uma sensação de mistério e fascínio, imagens de anjo e as associações que surgem de forma misteriosa. Em busca de certas respostas, “diversos pensadores debruçaram-se em esmiuçar o ‘enigma das imagens’ (DRUMMOND, 2022, p. 174)”. O enigma das imagens reside na sua capacidade de evocar significados profundos, transmitir emoções e nos conectar com o mundo interior e exterior de maneiras intrigantes e enriquecedoras.

A singularidade da poética de Fíama Hasse Pais Brandão fica demonstrada de forma marcante no poema “O anjo Marinho” por meio da intensidade emocional, da profusão de imagens e da abertura a múltiplas interpretações. A poeta explora temas de interesse universal, principalmente naquilo que concerne o uso de mitos e a reelaboração de sentidos a questões caras à literatura portuguesa contemporânea.

Ademais, Fíama com esse discurso apresenta poemas que revelam uma intensa angústia e vulnerabilidade, expressando suas emoções através da escrita. Nesta obra há o poema intitulado “O Anjo de papel ou de água?”, no qual a imagem do anjo simboliza pureza e proteção, além das ideias contrárias, que se afastam e se contemplam, como o

papel e a água, elementos frágeis e efêmeros, sugerindo a fragilidade das emoções humanas.

Se Tu não voltares estes poemas não-de tornar-se trágicos. O texto vai revelar a cicatriz de seda e os laivos claros do meu choro. A contra-coração vou reescrevê-los. Hei-de encontrar aqui uma placa lisa para arrastar as letras até à regueira turva. A imagem da água que era a de uma simbiose entre Ti e a minha ideia de Ti vai enegrecer. A podridão há-de macerar o poema. Vou ser eu o autor a quem a agonia devora juntamente com um livro inerte. Quando Tu não voltares eu saberei ler como um iluminado. Os significados metafóricos levá-los-ei até à ironia. A realidade levantá-la-ei dessa valeta. Vai fascinar-me o torvelinho mortal em que mesmo os poemas sem dor sempre se desfazem. Quanto mais estes em que se ostenta o Amor em páginas ásperas até eu perder a noção de estar presente. (BRANDÃO,2010, p. 78)

No poema, o verso “O texto vai revelar a cicatriz de seda e os laivos claros do meu choro”, evidencia que o eu lírico está em busca de formas adequadas para expressar sua dor e angústia, que a ausência do ser amado acaba provocando. E seus sentimentos estão em desenvolvimento como demonstrado no verso “A contra-coração vou reescrevê-los”, pois o processo da reescritura mostra um ato de recomeço, haja vista que o eu lírico está numa tentativa de lidar com a falta do ser amado e a solidão.

A imagem do anjo representa o ser amado ausente, além do mais, o anjo levanta significados e uma esperança na vida do eu lírico, pois este ser ausente provoca uma profunda agonia. Além disso, nos versos “a imagem da água que era a de uma /simbiose entre Ti e a minha ideia de Ti / vai enegrecer” a imagem da água, simboliza a simbiose entre o eu lírico e o ser amado e com isso acaba ficando escura pela falta do ser amado, e no seguinte verso “a podridão há-de macerar o poema” é mostrado que a ausência do ser amado acaba contaminando a relação da idealização do amado.

Percebe-se que a linguagem poética é explorada de forma complexa e intensa, pois a poeta busca encontrar palavras para expressar seus sentimentos e reconstruir a realidade através da escrita, com isso se propõe a reescrever seus poemas, buscando uma “placa lisa” para arrastar as letras e revelar as emoções que agitam.

Neste contexto, através de metáforas e ironia, o eu lírico acaba descobrindo um caminho através da poesia para compreender e lidar com a dor da ausência, elevando a realidade e encontrando significados mais profundos nos versos, pois quando ela diz “quando Tu não voltares eu saberei ler como um iluminado” mostra que a escrita poética é vista como uma forma de iluminação, onde a poeta se torna uma “iluminada” ao refletir sobre seus sentimentos e experiências.

O “torvelinho mortal” presente no final do poema simboliza a fragilidade dos sentimentos e das experiências humanas. Mesmo os poemas que não carregam dor estão sujeitos a apaga-se com o tempo, mostrando a transitoriedade da vida e dos sentimentos. Assim, a ausência do anjo se torna uma experiência intensa e trágica para o eu lírico, que busca na poesia uma forma de lidar com essa falta e de encontrar sentido em sua própria existência.

Além do poema “O anjo de papel ou de água”. Fiama Hasse Pais Brandão tem outro poema em que o anjo desempenha um papel importante, intitulado “O Anjo de olhar fixo” que apresenta uma experiência intensa e transformadora na perspectiva do eu lírico.

Talvez o meu tempo se consuma através
da alucinação. O velame afastado. O
lamber da espuma. O chapinhar das raí-
zes pequeníssimas que sustêm as crianças.
E até o ritmo duro e inabitualmente for-
te de um petroleiro que passa. Tudo
isto que está fixo na paisagem.
É estranho estar a ver tudo através de
uma perspectiva alheia. Ver como Tu. Triân-
gulos brancos. Depois proas oxidadas e es-
curas e neblina rala. Recortar na total-
dade uma forma geométrica. Ver aí.
Inebriar o olhar de fixidez. O que já
conheço agora tem outro ângulo de
visão. O apogeu no mar. Gramíneas e
estampas de miosótis. Tudo o que é branco
se sintetiza. Cada vez mais o real se
diversifica. Tu justificas esta cisão. O
Teu nome marca a imagem. Não me vi nun-
ca tão verdadeira. Através da barreira enor-
me do tojo que esconde o mar. É u-
ma provação. O acesso a Ti. Esse óleo azul
é pastoso. Os tentáculos das crianças
que sobrevivem levam-nas até ao fim. Eu
estou no ponto onde escolhi ver-te. Contor-
no o meu discurso subtilmente. Não quero
reconhecer nada nem possuir. Entrego-me.
(BRANDÃO,2010, p. 79-80)

O poema exhibe versos ricos em imagens, e o eu lírico parece estar imerso na natureza e nas cenas cotidianas, como o movimento do mar, o som das ondas, a presença de navios e crianças. Há vários significados de contemplação profunda, em que o mundo ao redor se torna quase alucinatório e repleto de figuras ocultas.

Desse modo, quando é mencionado “O Teu nome marca a imagem”, sugere uma ligação íntima entre o anjo e o processo de transformação pessoal do eu lírico. O anjo atua como uma presença que justifica a “cisão” ou ruptura da realidade comum, permitindo que o eu lírico veja as coisas de uma maneira nova e mais verdadeira.

No último verso “entrego-me”, o eu lírico se rende à visão ampliada que o anjo proporciona, buscando compreender e abraçar essa nova perspectiva, mesmo que seja uma “provocação”. A presença do anjo parece abrir as portas para a compreensão mais profunda da realidade, em que o mundo se diversifica e se torna mais complexo, e aqui o eu lírico se conecta com o âmago da existência.

Portanto, a imagem do anjo na poesia de diferentes autores revelou a riqueza e a diversidade desse tema na literatura. Sem deixar de mencionar abordagens filosóficas e teológicas de Santo Tomás de Aquino, que apresentam os anjos como executores da província divina, até produções poéticas de Fiama Hasse Pais Brandão, que explora a figura do anjo como símbolo de busca pelo divino e da transcendência, percebermos que o ser angelical ultrapassa barreiras temporais e culturais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa foi trilhado um caminho, cujo início se deu explorando a presença do anjo na literatura e na filosofia, bem como sua representação na poesia ao longo dos séculos. Ficou visto a teoria de Santo Tomás de Aquino que em seu tratado apresentou a forma de ver os anjos filosoficamente, demonstrando a sua importância. Visão essa complementada por Causa Primeira ao tomar as ideias do Santo, “denominamos anjos que executam mais universalmente a província divina” (TOMÁS, 2006, p. 159), significando que os anjos desempenham um papel fundamental como mensageiros divinos, e que não foge o sentido do dicionário de símbolos, em que eles desempenham esta mesma função. Em seguida, foi analisado como os poetas ao longo da história da literatura portuguesa utilizaram os anjos como símbolos para expressar a conexão entre o divino e o humano.

Além de tudo isso, na antologia *Âmago*, o objeto deste estudo, foi identificada a presença dos anjos como elementos de ruptura com a realidade cotidiana. Ademais, por ser uma temática abrangente, nesse mesmo livro pode ser explorado outros poemas como: “Área Branca /1” do livro *Área Branca* (1878), na sequência o “Conto do Orfeu” do livro *Cantos dos Canto* (1995), bem como “Epístola para meus medos” do livro *Epistolas e Memorandos* (1996), e “Elegias- o anjo de Luini é terrestre” do livro *Cenas Vivas* (2000), que trazem manifestações distintas da imagem do anjo, mostrando suas diversas facetas na poesia.

Portanto, primeiramente confirmamos que os anjos na literatura são frequentemente retratados como seres intermediários entre o divino e o terreno, simbolizando a conexão entre o céu e a terra. Assim, ao estudar poesia, verificamos que os anjos são utilizados com símbolos de pureza e sabedoria, permitindo aos poetas explorarem a dimensão espiritual do ser humano. Desse modo, em relação à obra de Fiana Hasse Pais Brandão, foi comprovado que os seres angelicais desempenham um papel de ruptura com a realidade cotidiana, conduzindo o leitor a uma experiência poética e espiritual única. Nesse sentido, concluímos que o estudo dos anjos na obra da autora e na literatura em geral é de extrema relevância, pois permite desvendar novas camadas de significado, mergulhar em questões existências e espirituais, e apreciar a magia e a beleza da literatura portuguesa contemporânea.

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Obra Poética**. Publicado por Assírio & Alvim, Porto editora, 2015.

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E os ensaios/ Giorgio Agambem; [tradutor Vinícius Nicastro Honesk]. – Chapecó, SC: Argos, 2009.

BRANDÃO, Fiana Hasse Pais. **Âmago**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

CAMÕES, Luís de. **Sonetos e outros poemas**. Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro, 1ª edição, outubro de 2013.

CORDEIRO, Bispo. **Angeologia**. Curso de Bacharel em Teologia, I. N. S.J.C. Seminário Teológico Marcos Batista. [S.D].

COSTA, Paula Cristina. **O Clássico e o Contemporâneo, hoje, em alguma poesia portuguesa contemporânea**. Abril: Revista dos Estudos de Literatura Portuguesa e Africana – NEPA UFF (15), 219-224, 2015.

CHERVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (Colaboração de André Barbault e outros). **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Coordenação de Carlos Sussekind. Tradução de Vera da Costa e Silva e outros. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

DANTAS, Márcio de Lima. **Esboço para um possível ensaio sobre Fiama Hasse Pais Brandão**. Departamento de Letras da UFRN. [S.D].

DRUMMOND, Fernanda. **Fiama e o reflexo da imagem**. Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 24, número 2, p. 173 – 182, 2022.

ESPANCA, Florbela. **Poemas de Florbela Espanca**. Estudo introdutório, organização e notas de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

GARRETT, Almeida. **Folhas Caídas**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2013.

GIACHINI, Enio Paulo. **Os modos de Conhecer a Deus: A Teologia Simbólica do Areopagita e seus Pressupostos objetivos**. Scintilla, Curitiba, v. 18, n. 1, jan./jun. 2021.

GOMES, Eugenia. **Anjos: os anjos na história da humanidade** / (Câmara Brasileira do Livro, Sp, Brasil) – Salvador, BA: ed. DA Autora, 2021.

LOPES, Job. **Poesia e imagem: o anjo e o palhaço nas obras de Lília A. Pereira da Silva**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2014.

MARTELO, Rosa Maria. 1961: **as imagens, in O cinema da poesia**, Lisboa, Documenta, (2012, p. 120-132).

SILVA, Edison Miranda da; CHAGAS, Rogério de Andrade. **Teologia Sistemática: A doutrina dos anjos - Angeologia**. Curso Básico de Teologia. Módulo II. 2º Semestre de 2015.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da, Cleonice Berardinelli, e Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Portugal Maio De Poesia 61**. UFRJ, 1981.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguardas europeias e modernismo brasileiro: Apresentação dos principais poemas manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje**. 8º ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

TOMÁS, de Aquino Santo, 1225? – 1274. **De Substantiis Separatis Sobre os Anjos** / Santo Tomás de Aquino; tradução, Luiz Astroga; apresentação, Paulo Faitanin. – Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.